

D. Arquimínio Rodrigues da Costa, Bispo de Macau (1976-1988)

*António Aresta**

Nas palavras quase proféticas do Cardeal D. José da Costa Nunes¹, de 23 de Janeiro de 1976, Arquimínio Rodrigues da Costa estaria condenado a ficar “na História como o último Prelado do Padroado do Oriente”². Assim sucedeu, tendo sido também o último bispo português de Macau. A Igreja é universal e local, pelo que o seu múnus não tem etnia. Contudo, a força avassaladora do contexto demográfico impôs, com toda a naturalidade, outras escolhas. E bem, diga-se de passagem.

Arquimínio Rodrigues da Costa, açoriano, de S. Mateus do Pico, onde nasceu a 8 de Julho de 1924, Bispo Emérito de Macau ainda felizmente vivo, é um exemplo de modéstia³ no ser e de simplicidade no agir. Aportou em Macau no ano de 1938, com destino ao Seminário de S. José, onde fará a sua formação teológica. Pela frente, os terríveis anos da Segunda Guerra Mundial, que Macau bem conheceu, quando acolheu largas dezenas de milhares de refugiados, que verdadeiramente mudaram a fisionomia da cidade. E aí, quer o governo português, quer a Igreja, quer a filantropia dos particulares, tiveram uma actuação que foi um ver-

* Professor e Investigador. Autor de diversas obras sobre a história de Macau

¹ Os estudos mais recentes dedicados a esta importante personalidade da vida pública de Macau : Jorge Rangel, *José da Costa Nunes, Cidadão Benemérito de Macau*, edição do Instituto Internacional de Macau, 2008 ; José Valle de Figueiredo, *Um Apóstolo do Oriente. Aproximação à Vida e Obra do Cardeal Costa Nunes*, edição do Instituto Internacional de Macau, 2013 ; António Aresta, “A China no Pensamento de José da Costa Nunes”, *Revista de Cultura* [Instituto Cultural de Macau], N.º 41, pp. 125-150, 2013.

² *Textos de D. Arquimínio Rodrigues da Costa*, [Compilação realizada pelo Padre Tomás Bettencourt Cardoso], edição da Fundação Macau, 1999, p. 23.

³ O Padre Tomás Bettencourt Cardoso cita este episódio : “Quando foi eleito, uma empregada do Seminário de S. José, passou a chamar-lhe *Sanfou Chi Cau* (*Sanfou* – padre, *Chi Cau* – bispo). Antes, *Sanfou*, depois *Sanfou Chi Cau*, isto é, Padre Bispo. É que ele não modificou em nada o seu *modus vivendi*. Continuou a residir no Seminário, aqui ao lado, num quarto modesto como este em que me encontro. Em metros lineares: 4 por 4.”, idem, op. cit., p. 21.

dadeiro hino à generosidade e à humanidade. Arquimínio Rodrigues da Costa recorda a Segunda Guerra Mundial deste modo dolorido : “quem aqui passou esse período atribulado, sabe que, por mais de uma vez, esta terra esteve prestes a ser absorvida pelo incêndio que lavrava à nossa volta. No entanto, quando tudo parecia perdido, um golpe de cena, à última hora salvava a situação. E quantas, quantas situações difíceis, humanamente desesperadas, não conheceu esta cidade e esta Diocese através da sua história quadrissecular ?”⁴. Rodrigo Leal de Carvalho, açoriano e escritor de Macau, em “Requiem por Irina Ostrakoff”⁵, deixou-nos uma vera imagem romanesca dessas vidas que a guerra sugou e escangalhou e que afluíram a Macau, sempre sob o signo do mistério e do sofrimento.

Em Outubro de 1949, Arquimínio Rodrigues da Costa foi ordenado sacerdote, no mesmo mês em que foi proclamada a ceiação da República Popular da China. Começou a partir daí uma carreira cheia de trabalhos apostólicos e de evangelização. Sempre dizia que “evangelizar não é apenas ensinar. É sobretudo, comunicar uma vida”⁶. Paralelamente, aprofundou a sua faceta de poliglota. Aprendeu chinês, latim, alemão, italiano e francês. Foi nomeado Reitor do Seminário de S. José (1961-1966), e aí leccionou Latim, Filosofia, Francês e Direito Canónico. Foi Professor no Seminário Maior da Diocese de Hong Kong, em Aberdeen (1968-1973).

A educação moral e religiosa dos jovens encontrava-se sempre presente no seu horizonte de educador : “caros jovens, à vossa formação integral pertence também a dimensão moral e religiosa. Aprofundai-a cada vez mais, através duma assídua participação nas aulas de Religião e Moral, e verificareis, por experiência própria, como a verdade religiosa é libertadora e plenificante, tal como o seu Autor, que é Verdade, Liber-

⁴ “Inauguração do Ano Jubilar da Diocese de Macau”, *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Nº 853, p. 178, 1976. Republicado em *Textos de D. Arquimínio Rodrigues da Costa*, p. 48.

⁵ Publicado em Macau pela editora Livros do Oriente, em 1993. Este romance foi distinguido com o Prémio Instituto Português do Oriente, em 1994. Outras obras do mesmo autor, nas quais Macau ocupa um lugar central : “Os Construtores do Império”, 1994 ; “Ao Serviço de Sua Majestade”, 1996 ; “O Senhor Conde e as suas Três Mulheres”, 1999 ; “A Mãe”, 2001 ; “O Romance de Yolanda”, 2005.

⁶ “Nota Pastoral Sobre o IV Centenário da Diocese de Macau”, *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Nº 850, p. 513, 1975. Republicado em *Textos de D. Arquimínio Rodrigues da Costa*, p. 39.

dade e Plenitude”⁷. Porque conhecia o terreno, era muito incisivo no delineamento das suas ideias : “O melhor antídoto contra a droga e tantos outros vícios não menos degradantes é ainda uma boa formação cristã. O descuido nesta matéria está na origem de tantas situações mais que lamentáveis e sobejamente conhecidas. O ambiente moral que se respira em Macau não é dos mais favoráveis à preservação dos bons costumes. Daí, a necessidade duma boa formação moral e religiosa, capaz de conferir à juventude maior poder de resistência às solicitações malsãs do meio em que vivemos”⁸.

Na Universidade Gregoriana, em Roma, obteve a licenciatura em direito canónico. Assumiu cada vez mais responsabilidades na governação da Diocese, já Governador do bispado e Vigário capitular. Em 1976, o Papa Paulo VI nomeou-o Bispo de Macau, sucedendo a D. Paulo José Tavares⁹, também ele açoriano. A resignação, essa virá doze anos depois em 1988. O tempo da transição chegara à Diocese, tendo sido entendido como um acto de sabedoria o seu voluntário afastamento. Informa a comunidade¹⁰ de Macau nestes precisos termos : “Como é do conhecimento geral, a Santa Sé adoptou, desde há muito, o princípio da localização das igrejas particulares fundadas em terras de missão. Em obediência a este critério, os Bispos passaram a ser escolhidos, na medida do possível, entre o clero autóctone, substituindo gradualmente os Prelados oriundos da Europa ou de outras regiões. Assim sucedeu, por exemplo, na vizinha diocese de Hong Kong, onde o Prelado actual já é o terceiro de etnia chinesa. Algo de semelhante se deu em Taiwan, na Coreia, no Japão, na Malásia, na Indonésia, etc. Até a diocese anglicana de Hong Kong e Macau adoptou a mesma linha de orientação, elegendo, há vários anos, o seu primeiro Bispo chinês. Neste contexto, Macau, devido aos seus condicionais, tem constituído um caso à parte. Tal situação, porém, em virtude das razões expostas e, sobretudo, da conjuntura histórica em que nos encontramos inseridos, não se podia prolongar indefinidamente.(...) Ao

⁷ “Nota Pastoral sobre a matrícula dos alunos católicos nas aulas de Religião e Moral”, *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Nº 918, p. 77, 1981. Republicado em *Textos de D. Arquimínio Rodrigues da Costa*, p. 139.

⁸ Idem, idem, p.138.

⁹ Bispo de Macau, 1961-1973.

¹⁰ “Comunicação aos Católicos de Macau”, *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Nº 998, p. 72, 1988. Republicado em *Textos de D. Arquimínio Rodrigues da Costa*, idem, p. 255.

deixar a Sé Episcopal de Macau, levo dentro de mim apenas um pesar : o de não ter conseguido fazer mais e melhor por esta diocese. Perto ou longe, terei sempre presente na memória e no coração esta terra, para a qual vim, como seminarista, há 50 anos. E a minha maior alegria será constatar que ela floresce e progride, sobretudo no campo religioso, preparando-se para enfrentar, vitoriosamente os desafios do futuro”. Recolheu-se, então, na Ilha do Pico, nos Açores, até aos dias de hoje. O seu sucessor foi D. Domingos Lam Ka Tseung¹¹.

O tributo às suas actividades não tardou. A Universidade da Ásia Oriental¹², de Macau, concedeu-lhe um doutoramento ‘honoris causa’ em 1986. Foi condecorado pelo Presidente da República, em 1984 com o grau de Grande Oficial da Ordem da Benemerência e em 1988 com a Grão-Cruz da Ordem de Mérito. A Assembleia Legislativa Regional dos Açores, a sua terra natal, condecorou-o em 2012 com a Insígnia Autônoma de Reconhecimento. Ignoramos se o governo de Macau lhe outorgou alguma distinção.

O essencial da sua obra doutrinária foi fixada pelo Padre Tomás Bettencourt Cardoso, sob o título “Textos de D. Arquimínio Rodrigues da Costa”, reunindo dispersos e avulsos, e editado pela Fundação Macau em 1999. O trabalho do Padre Tomás Bettencourt Cardoso merece igualmente um realce particular, porque foi decisivo para a recolha da obra de José da Costa Nunes¹³, José Vieira Alvernaz¹⁴, João Paulino de Azevedo e Castro¹⁵ ou Jaime Garcia Goulart¹⁶. Este carismático lobby açoriano, boa parte dele formado no Seminário de S. José de Macau, constituiu-se como uma ilha à parte no arquipélago da espiritualidade portuguesa no extremo oriente.

Gostaria de convidar o leitor a acompanhar-me na revisitação de três ideias nucleares do pensamento de D. Arquimínio Rodrigues da Costa. Pragmático e humanista, conjugava a moral cristã com a ética da alegria

¹¹ Bispo de Macau, 1988-2003.

¹² Para uma síntese sobre a história da transição da Universidade da Ásia Oriental para a Universidade de Macau, veja-se Jorge Rangel, *Os 25 anos da Universidade de Macau*, edição trilingue (português-chinês-inglês) da Universidade de Macau, 2009.

¹³ Bispo de Macau, 1920-1941.

¹⁴ Bispo de Cochim, 1948-1951 e Arcebispo de Goa e Damão, 1953-1961.

¹⁵ Bispo de Macau, 1902-1918.

¹⁶ Bispo de Dili, Timor, 1945-1967.

de viver animado pela fé. Em vez da pompa teleológica das cartas pastorais publicava “notas” incisivas, judicativas, reflexivas e com uma grande proximidade aos problemas. Com as palavras do autor, trilhamos um caminho de hermenêutica e de descoberta.

A primeira ideia consiste na apreensão e na projecção da pedagogia e da sabedoria da História. Em 1978, a propósito da comemoração dos 75 anos da fundação do “Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau”, fundado em 1903 pelo Bispo D. João Paulino de Azevedo e Castro, escreveu o seguinte : “sendo apenas uma revista diocesana, o Boletim transcende a estreiteza de tais limites para se projectar no campo da Igreja universal. E isto, em virtude da sua secção de História das Missões. Arrancando ao esquecimento dos arquivos e à erosão do tempo, documentos valiosos sobre a acção da Igreja no Oriente e colocando-os ao alcance dos estudiosos, esta revista vem realizando uma obra digna do apreço de todos os que se interessam pelo passado missionário da Igreja nestas paragens”¹⁷. O director era o padre Manuel Teixeira, personalidade bem conhecida e historiador reputado. Mergulhar nas raízes significava pensar na totalidade dos sentidos e nas tendências espirituais e materiais, para além das fraquezas da historicidade : “as comodidades da vida moderna talvez nos impeçam de avaliar o sacrifício heroico dos pioneiros que, em minúsculas caravelas, cruzaram os mares, em longas e penosas viagens, a fim de aqui fundarem a Igreja. Muitos deles sofreram o martírio, enquanto outros deram a vida, numa imolação lenta, entregues às privações e canseiras do labor missionário. E não foram baldados tantos esforços. As cristandades que hoje florescem através do Oriente são, em grande parte fruto e desenvolvimento do gérmen evangélico trazido pelos pioneiros de há quatro séculos. Entre esses frutos, conta-se também a cristandade de Macau”¹⁸. É o conhecimento do passado que parece caucionar e dar alento ao presente e ao futuro, projectando os sucessivos ciclos de poderes : “para quem vive em Macau, o nosso passado missionário não pode passar despercebido. Lá estão as ruínas de S. Paulo e o Seminário de S. José a recordar-nos a acção dos missionários jesuítas, indubitavelmente os nossos grandes evangelizadores do Oriente. Lá está o Quartel de S. Francisco, a lembrar-

¹⁷ “Comemorando uma Data”, *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Nº 882, p. 288, 1978. Republicado em *Textos de D. Arquimínio Rodrigues da Costa*, Idem, p. 90.

¹⁸ “Nota Pastoral sobre o IV Centenário da Diocese de Macau”, *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Nº 850, p. 513, 1975. Republicado em *Textos de D. Arquimínio Rodrigues da Costa*, Idem, p. 38.

-nos a acção dos missionários Franciscanos, que ali tinham o seu centro e dali partiam para espalhar ao longe a boa nova do Evangelho. Lá está a Igreja de S. Domingos a assinalar o esforço evangelizador dos Religiosos Dominicanos. Lá está a Igreja de Santo Agostinho a evocar a acção dos Agostinianos em Macau e nas suas missões através do Extremo Oriente. Graças ao labor apostólico desses pregoeiros do Evangelho e de tantos do clero secular e de outras congregações religiosas, novas cristandades foram surgindo através destas imensas regiões, desde Timor até ao Japão, dando origem a novas dioceses, sucessivamente desmembradas da Diocese-Mãe¹⁹. Toda esta memória antiga, rica e diversificada, é comum a portugueses e a chineses, sem esquecer os estrangeiros que aí viveram longos anos.

A segunda ideia centra-se na reflexão sobre a desumanização da sociedade contemporânea, o pensar sobre a racionalidade científica e sobre o valor da objectividade, sobretudo na problemática da ciência e da técnica serem tomadas como ideologia: “não se nega que a ciência e a técnica libertem o homem de muitas limitações e dependências, através do domínio e utilização das forças da natureza. Tal avanço, porém, deverá ser acompanhado por igual progresso moral e espiritual, construído sobre o amor. De outro modo, essas forças libertadoras converter-se-ão, para o homem, em factores de nova escravidão, pelos desequilíbrios e ambivalências que produzem (Cfr. GS 8-9, 10). O mundo contemporâneo, ameaçado pelo espectro da sua autodestruição, é prova evidente dessa verdade”²⁰. Um dos remédios para combater as mais grosseiras alienações tecnológicas, tecnocráticas e tecnoburocráticas, poderá ser construído com o fraterno diálogo entre a espiritualidade, a cultura e as religiões? Será o bastante? Como notava o pensador alemão, Karl Otto Apel, “a situação do homem é um problema ético para o homem”²¹. O essencial do pensamento de D. Arquimínio poderá ser encontrado na simplicidade destas palavras radicais: “Se é necessário que o homem seja culto, não é menos imperioso que ele seja bom. Com toda a razão, são universalmente obrigatórias as aulas de educação física. Não assim, as de formação ética e

¹⁹ “Inauguração do Ano Jubilar da Diocese de Macau”, *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Nº 853, p. 178, 1976. Republicado em *Textos de D. Arquimínio Rodrigues da Costa*, Idem, p. 48.

²⁰ “Mensagem Natalícia”, *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Nº 934, p. 4, 1982. Republicado em *Textos de D. Arquimínio Rodrigues da Costa*, Idem, p. 156.

²¹ *Discussion et Responsabilité*, Cerf, Paris, 1996, p. 21.

humana. Porquê? Será menos importante a integridade moral que a saúde física dos alunos ?”²².

A terceira ideia está ligada às questões políticas do relacionamento com a China e o posicionamento da Igreja, em tempos anteriores à Declaração Conjunta. Prudentemente, começa por afirmar que “ao contrário do que por vezes se afirma, a Diocese de Macau nunca fez política à sombra da religião”²³, enfatizando mesmo, “não viemos para dominar, mas para servir. Viemos trazer a boa nova da fraternidade universal dos homens em Cristo”²⁴. De facto, e a insistência é propositada, pelo que é conveniente recordar que “não foi a Santa Sé que humilhou a China, fazendo-lhe guerra e impondo-lhe tratados injustos. No entanto, alguns factos históricos contribuíram para que a Igreja aparecesse aos olhos dos chineses como uma instituição associada aos invasores ocidentais. Referimo-nos, fundamentalmente, ao facto de figurarem, nos tratados iníquos impostos à China, os missionários católicos como beneficiários duma protecção especial por parte da França”²⁵. Em 1985 foi convidado, pelo Gabinete para os Assuntos Religiosos, a visitar a R.P. da China. Foi uma verdadeira “romagem de fraternidade humana e cristã.(...)Todos se esforçaram por nos esclarecer sobre a situação da Igreja Católica na China, incluindo as relações da mesma com o Governo.(...)Da nossa parte, não deixámos de salientar a situação específica da nossa Diocese, constituída por duas comunidades culturalmente heterogéneas: uma portuguesa e outra chinesa. Sublinhámos como a fraternidade cristã tem conseguido reunir numa mesma Igreja pessoas tão diferentes, estabelecendo uma verdadeira unidade cimentada no respeito pela identidade cultural de cada grupo; como, além da evangelização propriamente dita, estávamos empenhados em servir a comunidade, nomeadamente através das escolas e das instituições de assistência social; como a nossa Diocese estava em comunhão com muitas outras através do mundo, havendo com elas um con-

²² “Nota Pastoral”, *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Nº 929, p. 104, 1982. Republicado em *Textos de D. Arquimínio Rodrigues da Costa*, idem, p. 153.

²³ “Inauguração do Ano Jubilar da Diocese de Macau”, *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Nº 853, p. 179, 1976. Republicado em *Textos de D. Arquimínio Rodrigues da Costa*, Idem, p. 49.

²⁴ Idem, Idem, p. 180. Republicado em *Textos de D. Arquimínio Rodrigues da Costa*, idem, p. 49.

²⁵ *Jornal O Dever* [Açores], 14.08.1997. Republicado em *Textos de D. Arquimínio Rodrigues da Costa*, idem, p. 298.

siderável intercâmbio de pessoal e bens materiais ; como em Macau trabalhavam, lado a lado, missionários chineses e de outras nacionalidades; como a nossa Diocese estava em comunhão com o Sucessor de Pedro e Pastor de toda a Igreja Católica”²⁶. O seu entendimento quanto ao futuro imediato, e corria o ano de 1997, assentava nestes parâmetros : “Como é do interesse da China manter a estabilidade social naqueles territórios em função dos objectivos políticos em vista, é de crer que Beijing não caia na tentação de cercear a liberdade religiosa nos dois enclaves, impondo-lhes a política que vigora no resto do país, onde a Igreja é controlada pela chamada Associação Patriótica e esta pelo Governo. Tal situação causaria instabilidade social, afectando negativamente a prosperidade que se pretende manter. É este o raciocínio dos que prognosticam um futuro de paz e liberdade para a Igreja nas duas ex-colónias. Por um lado, a lógica e o bom senso parecem favorecer este ponto de vista. Por outro lado, há factores de ordem emocional, que fogem à pura lógica. Um deles é o nacionalismo chinês, terrivelmente ferido e exacerbado pelas injustiças cometidas por algumas potências ocidentais contra aquela nação. Refiro-me, sobretudo, à guerra do ópio e à ocupação da ilha de Hong Kong pelos ingleses no século passado. O Ocidente humilhou a China com guerras injustas e tratados iníquos, explorando ignobilmente a situação de fraqueza em que se encontrava aquele povo. Foram ofensas clamorosas que os chineses dificilmente esquecerão. É impossível prever a medida em que o nacionalismo chinês influenciará o desenrolar dos acontecimentos. De resto, a lógica oriental nem sempre coincide com a nossa. Daí , as reservas com que perspectivamos o futuro da Igreja em Hong Kong e Macau”²⁷.

Esta sageza nas relações culturais internacionais, uma característica inata de D. Arquimínio Rodrigues da Costa, ajudou, seguramente, a dissipar algumas históricas crispações e mal entendidos, acumulados a partir de 1949. A arte de ser português no mundo, o diálogo ecuménico e o espírito de tolerância terão feito o resto.

²⁶ “Comunicado do Bispo de Macau sobre a sua deslocação à República Popular da China”, *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Nº 966, p. 61, 1985. Republicado em *Textos de D. Arquimínio Rodrigues da Costa*, Idem, p. 195.

²⁷ *Jornal O Dever* [Açores], 24.07.1997. Republicado em *Textos de D. Arquimínio Rodrigues da Costa*, idem, p. 297.